

VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática



ULBRA - Canoas - Rio Grande do Sul - Brasil

16, 17 e 18 de outubro de 2013

Relato de Experiência



CONVERSAS COM PROFESSORES DE MATEMÁTICA: A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM FOCO.

Cristiane Rodrigues Capra¹

Rizamar Pereira de Aguiar²

Formação de Professores que Ensinam Matemática

Resumo:

No presente artigo, trazemos uma discussão a respeito da violência escolar a partir de alguns diálogos realizados com professores de matemática de algumas escolas públicas de Araguaína- TO, com a finalidade de procurar conhecer se há e quais são os casos de indisciplina e agressividade nas escolas. Os professores relataram as suas experiências, onde identificamos que são vários os tipos de atos de indisciplina e agressividade que se fazem presentes nas escolas. Entre as causas apontadas pelos professores para a indisciplina e agressividade estão a desestruturação familiar e as condições sociais e econômicas. Entre as possibilidades de intervenção nesses índices, os professores destacam ações socializadoras que podem ser implementadas através dos próprios componentes curriculares, como por exemplo, a prática desportiva e cultural. Interconectamos as concepções dos professores de matemática a respeito da indisciplina e agressividade a luz de alguns aspectos teóricos, afim de melhor compreendermos as dimensões culturais, políticas, sociais, econômicas, filosóficas e pedagógicas desse fenômeno.

Palavras-chaves: Indisciplina. Agressividade. Professores de Matemática. PIBID.

Introdução

Um dos objetivos desse artigo é relatar parte da nossa experiência enquanto bolsistas do programa PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, vinculado ao Curso de Licenciatura em Matemática, Campus de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Acreditamos também que essa informação pode situar o leitor a respeito do teor das nossas reflexões, uma vez que pretendemos nos envolver num profícuo debate com a comunidade de educadores, e em particular com os educadores matemáticos, a respeito de uma temática que tem absorvido a nossa atenção, bem como, uma parcela dos nossos estudos

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática e bolsistas do PIBID/ Matemática da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína- TO. Email:, cristianercapra@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática e bolsistas do PIBID/ Matemática da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína- TO. Email:, rizaaguiar@hotmail.com.

e reflexões com vistas a entender um fenômeno, cada vez mais frequente no universo escolar, o qual se caracteriza em termos gerais, pela violência no espaço escolar. Particularmente, estaremos interessados em apresentar, algumas das concepções de professores de matemática a respeito da indisciplina e a agressividade no âmbito de algumas das escolas da rede estadual de ensino do município de Araguaína – TO.

Uma das nossas motivações para estudar questões relacionadas à violência escolar, decorre de uma interpretação a respeito da ampla literatura que tem orientado a formação de professores, tanto em caráter inicial, como também, na forma continuada é que a mesma preconiza fundamentalmente que saibamos conhecer e interpretar, a multiplicidade de fenômenos que se interconectam e inter-relacionam com a realidade escolar. Uma forma de perseguir essa recomendação é através do estudo sistemático e a realização de leituras, que naturalmente fazem parte da nossa agenda enquanto bolsistas de iniciação a docência. O que de certa forma, nos leva a ponderar que as nossas dúvidas e inquietações não estejam situadas sobre uma concepção ou compreensão do ambiente escolar como multifacetado, imbricado, entrelaçado, mas, no fato de que há muitas informações e questões tácitas, nas entre linhas ou talvez na omissão.

Entre essas questões, a indisciplina que ocorre na sala de aula e os casos de agressividade, ou seja, a violência, ou algumas de suas manifestações, que estão permeando e transpassando a escola. Não obstante, nos parece que, os casos de indisciplina e agressividade mostram-se cada vez mais frequentes no espaço escolar, porém nem sempre são divulgados ou ainda tratados de forma adequada. Particularmente, Silva (2010), tem argumentado que os jovens e professores da atualidade não estão sabendo como abordar essas situações. O que se tem verificado no plano imediato e aparentemente genérico é que, os jovens figuram como sendo uma das supostas causas, ao passo que, os professores, aparecem como desconhecedores de ações que permitam uma abordagem coerente em relação à indisciplina, a agressividade e a violência no espaço escolar. Tal qual pode ser observado a seguir:

[...] As crianças e os jovens mostram-se, por um lado, pouco acostumados a vivenciar e a respeitar os limites que visam a assegurar a sobrevivência de si e a do grupo no qual estão inseridos. Os educadores, por outro lado, não sabem como agir. As sensações (punições), em outros tempos utilizadas por eles, não são mais aceitas e, mesmo quando são aplicadas, parecem ser ineficientes. [...] (SILVA, 2010, p. 16).

Nesse momento, vislumbramos que já existam elementos suficientes que nos permitam começar um inventário de algumas das concepções de professores de matemática a

respeito da indisciplina e agressividade no âmbito escolar, no entanto, acreditamos que seja necessário, visitar algumas reflexões teóricas sobre essa temática como forma de subsidiar o debate que nós estamos propondo. É o que pretendemos iniciar na próxima seção.

Entre a agressividade e a violência: procurando evidências e diferenças

Num plano imediato, uma referência a expressões como violência e agressividade, pode nos remeter a uma associação com ações físicas sofridas por alguém numa esfera pessoal. No entanto, ao considerar uma perspectiva social, é possível qualificá-las como atitudes que não estão de acordo com o que se é considerado correto pela sociedade. Isso, de certa forma, nos leva, a uma tarefa árdua, no sentido de procurar evidências na literatura que nos permitam avançar na discussão dessa temática. Contudo, não significa que pretendemos subjuga-la, ou mesmo esgotá-la.

Pois bem, entramos num embate que nos parece haver mais dissenso teórico do que convergências, no entanto, encontramos nos escritos de Trassi & Malvasi (2010), algumas reflexões que de antemão nos permitiram entender de forma objetiva algumas diferenças básicas entre agressividade e violência. Na acepção desses autores a agressividade está relacionada com várias idiosincrasias e atitudes humanas, dentre elas destacamos: de pensamento, de imaginação, de ação verbal ou não verbal, onde a educação e as estruturas sociais buscam controlar para que sejam utilizadas em alvos produtivos. Dessa forma, a agressividade passa a ter mecanismos de controle ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo, podendo ser internos ou externos, como por exemplo, a “punição da familiar” em relação a uma criança que incorreu numa conduta inadequada.

Por sua vez, Trassi & Malvasi (2010), argumentam que a violência é um fenômeno complexo, cuja dimensionalidade encontra-se imbricada na experiência humana. Ou seja, se por um lado, a violência está, na sua expressão mais evidente, associada a um crime, por outro, está à necessidade de se considerar a sua compreensão a partir de aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos, religiosos, filosóficos que não obstante, determinam também singularidades que permitem ou não a aceitabilidade do *outro*, das *diferenças*. Nesse sentido, a violência está relacionada com a agressividade, porém de modo intencional e desejado com o objetivo destrutivo, são ações racionais e planejadas que visam à aniquilação do *outro*.

Nesse momento, acreditamos que seja possível alimentar essa discussão inicial, com alguns questionamentos que tem nutrido as nossas reflexões, dentre eles, por exemplo: Quais tipos/formas de violências que ocorrem na Escola?

Uma reflexão primeira que decorre desse questionamento movimenta o nosso olhar para a forma como a violência que encontramos no meio escolar está presente nos veículos de informações. As nossas conclusões preliminares, nesse sentido, baseadas numa inspeção dos conteúdos vinculados por esses veículos formadores de opiniões, nos preocupa, pois tanto no exame de noticiários, locais, regionais, bem como, daqueles veículos de alcance nacional, o tratamento dado aos episódios de violência no âmbito da escola, de maneira geral são inadequados, pois se limitam a uma apresentação pontual, colocando os fatos num domínio pessoal e destituindo-os de seus imbricadores. Com isso, alimenta-se a concepção de que as coisas se explicam por elas mesmas, a violência pela própria violência, e por isso mesmo, pode-se banalizá-la, o que de certa forma, contribui para que os mecanismos e aparelhos de Estado fiquem omissos.

Nesse sentido, o exame do aporte teórico que tem procurado uma interpretação qualitativa da violência no espaço escolar, tem demonstrado que, esse fenômeno não pode ser compreendido suficientemente a partir de episódios que retratam, tão somente, o que ocorre entre os professores e os alunos ou entre os alunos. Portanto, a questão da violência escolar vai além dos limites da sala de aula.

Existe a violência social, política, que apesar da constituição dizer que todos têm direitos iguais, isso não é a realidade vivida por uma parcela significativa da sociedade, assim, centenas de milhares de jovens, em condições de desigualdades sociais, passam a serem objetos de uma explicação racionalista a violência que não se restringe ao espaço escolar. Passando/ocultando/transferindo a responsabilidade de Estado para a esfera pessoal, e com isso, as competências primeiras dos sistemas de ensino parecem não se importar/interconectar com os produtos/produtores da violência num contexto mais amplo.

Parece oportuno, inventariar, mesmo que em termos parciais, a relação da escola como parte integrante do binômio produto/produtor da violência. Nesse sentido, a literatura por nós consultada, traz uma distinção social operacionalizada nas escolas, quando do exame, análise e tratamento dado na mediação de conflitos, bem como, a agressividade no âmbito escolar que traz no seu bojo, um artefato da violência, manifestada através da desigualdade social, que conta com um fator perverso e sutil de discriminação irrestrito para classificar os jovens. Como podemos ver a seguir:

[...] há uma distinção entre as expressões de jovens de diferentes classes sociais: os mais ricos são “excêntricos”, “rebelde”, “contestadores”; os mais pobres são “delinquentes”. Os primeiros, pelas oportunidades garantidas pela origem social – acesso a uma educação de qualidade e usufruto de bens culturais – canalizam suas insatisfações e expectativas por meio de produções e participações culturais,

artísticas e políticas. Quando se envolvem com a prática de atos de transgressão ou atos inflacionais, há uma tolerância social maior na compreensão de sua conduta – tentativa de psicologização – e nas práticas sociais de repressão e controle de suas ações. Quanto ao adolescente e ao jovem pobres, há claramente uma tendência social de uma subestimação de produção e forma de participação social, criminalização de sua conduta, mecanismo de repressão e punição rigorosos – o controle de circulação pelas cidades, sua representação como perigoso ou potencialmente perigoso e, finalmente, o encarceramento da pobreza ou seu extermínio. (TRASSI & MALVASI, 2010, p. 39).

Nesse momento, propomos uma pausa na apresentação e discussão de alguns aspectos teóricos, os quais identificamos na literatura que tem se debruçado sobre a questão da violência no espaço escolar. Longe de chegar a um fim, estamos interessados em estabelecer possíveis articulações com a nossa experiência, enquanto bolsistas de iniciação a docência. Para além disso, causa-nos um certo desconforto uma concepção que promulga o jovem como sinônimo de violência e descontextualizado historicamente. Na próxima seção procuramos estabelecer um diálogo com alguns professores de matemática da rede pública de ensino do Estado do Tocantins, do município de Araguaína, como uma possibilidade de contribuição para nossa formação, bem como, a busca por uma compreensão de caráter qualitativo para questão da violência no âmbito escolar.

Diálogos com professores

A procura de uma compreensão do fenômeno da violência no âmbito escolar, e as suas relações com os profissionais da Educação, em particular, os educadores matemáticos configura-se como uma das questões que permeiam as discussões ocorridas no âmbito do projeto PIBID do Curso de Licenciatura em Matemática. Dessa forma, a leitura e a discussão de alguns artigos que abordavam essa temática se constituiu uma fonte preliminar de nossos estudos. Convém destacar, embora não nos pautamos por um critério sistemático, que encontramos um número diminuto fontes advindas da literatura específica da Educação Matemática.

Paralelamente, e ainda, sem o estabelecimento de critérios rígidos, procuramos nos informar sobre casos de violência escolar numa das escolas-campo em que o projeto PIBID esteve vinculado. Dessa forma foi possível identificar, alguns fatos, que nos indicavam a existência do fenômeno, porém não nos permitia uma qualificação mais elaborada dos mesmos. Então resolvemos ir às escolas para conversar com os professores da disciplina de matemática, inicialmente ouví-los e a partir dos seus depoimentos, das suas experiências sobre os casos de indisciplina e agressividade que ocorrem na sala de aula, no ambiente

escolar, uma vez que são os professores, entre outros profissionais da educação, que vivem essa realidade mais de perto.

Escolhemos conversar com professores de escolas distintas, tanto as que ficam no centro da cidade como escolas mais afastadas e também quando a situação permitia, conversamos com vários professores de matemática de uma mesma escola, uma vez que, é natural que as opiniões possam divergir. Entretanto, antes de conversarmos com os professores das escolas, fizemos algumas reuniões de estudo e planejamento com o nosso professor coordenador do projeto PIBID, com a finalidade de discutir uma forma que nos pareceu mais adequada para entrevistá-los, ou como iríamos conversar com os professores frente às questões de indisciplina, agressividade e violência, cuja literatura estudada nos alertava para questões de foro íntimo dos professores.

Decidimos então, procurar os professores de matemática sem um questionário rígido, com questões fechadas, mas sim, após nos identificarmos e conveniente apresentar as nossas preocupações enquanto educadores em formação, abríamos a conversa com os professores, solicitando-lhes informações a respeito de casos de indisciplina, agressividade e violência que a sua experiência profissional pudesse ser compartilhada. Com a temática em discussão, deixamo-nos guiar, em parte, pelas nossas curiosidades advindas do momento da conversa, mas sempre com foco no tema proposto.

Através das entrevistas, pudemos identificar vários tipos de casos de indisciplinas e agressividades no ambiente escolar. A partir daqui abordaremos a violência como agressividade, pois, nas entrevistas os professores não as distinguiram tal qual apuramos em nossos estudos preliminares. Esse fato também se torna relevante, pois, num primeiro momento, os professores entrevistados não pontuaram de forma contundente, os seus alunos, como violentos.

Ainda em termos metodológicos, após as entrevistas, produzíamos um texto inicial, que em linhas gerais, procura descrever cada uma das entrevistas realizadas. De imediato, essa escrita configurava-se no sentido de não sermos traídos pela memória, bem como, atender a um dos objetivos do projeto PIBID, o qual se dá pelo exercício intelectual da escrita, onde procuramos descrever com propriedade, as questões, os problemas, as inquietações que permeiam o ofício do professor.

Em termos operacionais, esta escrita também propiciou a apresentação dessas informações iniciais que apuramos por meio das entrevistas com os professores de matemática. Os quadros I e II possuem os dados apurados, que representaremos a seguir, sintetizam essas informações em termos das possíveis causas, tipos, frequências em sala de

aula, soluções e o que é considerado indisciplinas e agressividade na visão dos professores de matemática por nós entrevistados.

Indisciplinas

Tipos	Frequência	Causas	Soluções
Baderna, Desobediência; Falta de respeito e interesse.	Raros/ frequentes.	Desestruturação Familiar; Alunos oriundos da periferia; Baixa aquisição financeira; Convívio social.	Diálogo; Esporte; Música; Dança.

Quadro I: Síntese das entrevistas tendo como foco a indisciplina

Através destas informações prévias sobre a indisciplina, segundo alguns professores de matemática de escolas públicas entrevistados, percebe-se que em termos gerais, os mesmos qualificam as mesmas formas/tipos de indisciplina. Conclui-se que eles concordam que esses atos são frequentes nas escolas em que lecionam. A compreensão da indisciplina como um fenômeno raro pode-se indicar ainda, entre outras possibilidades, a negação que o problema exista, embora se conviva diariamente com ele. Na aceção dos professores de matemática entrevistados, as causas que explicam a indisciplina, por parte dos alunos, estão associadas à localidade onde residem. Nesse sentido, os alunos oriundos dos bairros periféricos, estariam predispostos a ações de indisciplina, em tese, porque estão mais próximos do convívio com vários tipos de atos violentos.

A questão da desestruturação familiar faz parte das interpretações dos professores que o associam ao comportamento indisciplinar do aluno, e, portanto os jovens são de alguma forma afetados pelos seus laços sociais primários, os quais são expressos em termos de atitudes que os distanciam da urbanidade. Nesse momento não foi possível identificar entre os professores entrevistados, as suas concepções a respeito do que na atualidade vem sendo concebido social e juridicamente sobre o termo família.

Entre as ações concebidas pelos professores de matemática entrevistados, que apontam para a diminuição dos casos de indisciplina, estão algumas atividades que podem ser implementadas a partir das próprias disciplinas que integram a formação básica dos alunos,

então na visão deles as disciplinas que envolvem a prática desportiva e as artes e cultura teriam um papel importante na dimensão social dos alunos. O diálogo também foi um delineador das soluções para os casos de indisciplina, quer seja com o próprio aluno, e sempre que possível com os pais ou responsáveis.

Agressividade

Tipos	Frequência	Causas	Soluções
Agressão verbal;	Raros/	Desestruturação	Diálogo;
Agressão física.	frequentes	Familiar;	Esporte;
		Alunos oriundos de periferia;	Música;
		Baixa aquisição financeira;	Dança.
		Convívio social;	
		Uso de drogas, álcool.	

Quadro II: Síntese das entrevistas com foco na agressividade

Com relação à agressividade, os professores de matemática entrevistados a concebem como ato de violência quer seja ele verbal ou físico. Essa frequência, segundo os professores são constantes nas escolas onde os alunos convivem com esses tipos de ações, onde a pobreza é visível. A agressividade também é associada pelos professores há ambientes onde consumo de drogas, álcool está mais próximo do convívio social dos jovens. A organização familiar também é apontada nas causas da agressividade, ou seja, o jovem cuja base familiar não se encontra nos padrões concebidos pelos professores está mais propenso as atitudes agressivas no ambiente escolar.

Na compreensão dos professores entrevistados, a escola tenta solucionar ou diminuir esses tipos de agressividade por meio do diálogo entre os alunos e/ou responsáveis, além de desenvolver atividades que mobilizam os alunos quer seja por meio de esportes, músicas e danças.

Observa-se que as causas estão ligadas a inúmeros fatores, mesmo sem ter uma base teórica para essas afirmações em explicar esses fenômenos de indisciplinas e agressividades, os professores seguem os mesmos pensamentos de Silva (2010), onde afirma que: “[...] para

tornar explícitos esses fenômenos, faz-se necessário recorrer a fatores antropológicos, culturais, históricos, psicológicos, políticos, econômicos e sociais, dentre outros. [...]” (SILVA, 2010 p. 26).

Os professores entrevistados apresentaram algumas ações que podem interferir nos índices de indisciplina e agressões nas escolas, mas segundo Silva (2010) são várias as soluções para tentar diminuir esses atos, entre elas tem-se: substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade; oferecimentos de condições para a conscientização de todos os envolvidos; democratização das relações escolares; deixar de ver o aluno indisciplinado e violento como problema; orientação pedagógica, psicopedagógica e psicológica; e entre outras, todavia essas ações exigem certa mudança no relacionamento entre educador e aluno, além disso, segui-las é uma tarefa intensa, leva tempo, contradições e retrocessos.

Conclusões preliminares

Em primeiro lugar, gostaríamos de destacar que, esse foi um estudo preliminar desenvolvido a partir de percepções de bolsistas de iniciação a docência de um Curso de Licenciatura em Matemática. Obviamente que esse fato não invalida as reflexões que foram produzidas nesse debate inicial que nos propusemos. Ainda mais, percebemos que ele nos inter-relaciona com propriedade no contexto escolar o que atende de imediato a uma expectativa do Programa PIBID, onde estamos inseridos.

Talvez seja importante, realizarmos uma transposição didática de algumas considerações teóricas identificadas por nós, em particular, a assertiva de Silva (2010), no que diz respeito à ausência de instrumentos teórico/práticos que permitam aos educadores uma abordagem qualitativa para o problema da violência no âmbito escolar. Nesse sentido, nos parece que há um desconhecimento do jovem de uma forma ampla e por diversos segmentos da sociedade. Em parte, esse desconhecimento do jovem, suas concepções e valores, explica o insucesso das ações e projetos implementados por alguns educadores com vista a interferir qualitativamente no problema da violência escolar.

Por fim, gostaríamos de registrar algo que nos marcou profundamente, quando da realização das nossas entrevistas com os professores, na verdade, as concebemos como a realização de um diálogo aberto, onde expusemos as nossas preocupações em relação à violência escolar, próprias de quem está iniciando a sua formação profissional. Acreditamos que os professores entrevistados, também se envolveram nesse debate, e não nos omitiram que o trabalho docente está acometido por uma virulenta desmotivação, que traz no seu

âmbito um sentimento de impotência que o inibe inexoravelmente. O que nos levar a ponderar a respeito de uma crítica mais severa em relação ao labor docente, sem antes da realização de um exame acuidoso das forças que nos parecem mutilá-lo.

Agradecimentos

Agradecemos aos professores entrevistados, pelas informações dadas e que nos permitiram um maior aprofundamento do assunto e ao professor Sinval de Oliveira, coordenador do PIBID de Matemática, pelas possibilidades de discussões realizadas no âmbito do projeto. A Capes, enquanto agência financiadora do Programa PIBID.

Referências Bibliográficas:

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 5ªed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Artur. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência**. São Paulo – SP: Cortez, 2010.